

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, ABRIL/2000- ANO IV - Nº 39

EDITORIAL

O 22 de abril, tão ansiosamente aguardado, chegou. Comemoramos os 500 anos do descobrimento do Brasil, com a chegada das naus cabralinas a Porto Seguro. A data é motivo de festa, de júbilo e uma oportunidade para restaurarmos nossa história, preservarmos a memória e, conseqüentemente, definirmos nossa trajetória rumo ao futuro. Se fizermos uma viagem retrospectiva, seguindo a rota da memória, é possível desvendar o Brasil que começou a nascer há cinco séculos e homenagear os pioneiros, formadores de nossa civilização, dos quais herdamos este imenso país. Somos legatários de uma natureza exuberante, uma cultura rica e diversificada e uma língua musicalizada, fator de integração e manutenção da unidade nacional.

Bem antes da chegada dos europeus portugueses em suas caravelas, aqui se encontravam indígenas, com suas diversas línguas, crenças, mitos, usos e costumes. Mais tarde, os tumbeiros despejaram nas praias brasileiras os negros africanos e, com eles, uma rica e vasta diversidade cultural. Este caldeamento de raças, somado a numerosos imigrantes vindos de vários continentes, resultou numa mestiçagem que constitui o povo brasileiro – cordial, inteligente, hospitaleiro, bem-humorado, com imensa capacidade artística, religiosa e espírito lúdico.

Nossa história, desde a descoberta e colonização, passando pelas lutas de independência, as guerras de defesa ou de conquista, os diversos ciclos econômicos, nossos heróis, santos e mártires, foi feita por sonhadores, por homens que acreditaram no país e trabalharam por seu futuro grandioso. Somos herdeiros desses sonhos e esperanças, e temos na cultura nosso maior patrimônio. Por isso, é preciso consolidar nossa identidade cultural e valorizar, cada vez mais, nossas tradições – orais ou escritas –, a religiosidade e suas expressões populares, bem como a história.

Conhecendo e respeitando nosso passado histórico, saberemos entender o momento presente. Estamos trabalhando dia a dia para construir nossa história, num esforço conjunto, do qual poderemos nos orgulhar. União, participação e trabalho são o mote para esse crescimento. Já dizia Tiradentes, herói da Inconfidência Mineira: “Se todos quisermos, haveremos de fazer deste país uma grande Nação.” E ele o será. Parabéns, Brasil!



“Descoberta do Brasil”, óleo de Oscar Pereira da Silva, Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Profissão de Fé

Joeirando as reminiscências dos seus primeiros dias de vida na cidade de São Paulo, um senhor judeu afirma que tudo era bom, comparado às loucuras do nazismo de que fugira. Mas o que o encantava, o que lhe deixava a alma lavada de emoção era uma frase muito curta, muito simples: “– É servido?”. Quando entrava em um bar ou um café, a primeira pessoa que o via não perguntava se era brasileiro ou estrangeiro, judeu ou grego – voltava-se para ele com muita delicadeza e dizia: “– É servido?”

Pátria é isto. É o reconhecimento do direito à partilha. Minha pátria é o lugar onde não me cabe dobrar a cerviz; onde a mim, não me cabe a condição de escravo.

Uma pátria se faz com erros e acertos. Com vitórias e derrotas. Até que crie forma o domínio do direito.

Nestes 500 anos de caminho, nestes quase 178 anos de escudo levantado em defesa da soberania, o Brasil tem avançado e recuado no domínio do direito. Efetuados os necessários cálculos e estabelecidas as devidas ressalvas, ousou afirmar: “Habemus patriam”. E ousou fazer minha profissão de fé no Brasil.

Três são os poderes que garantem o domínio do direito: o poder das armas, o poder do conhecimento científico e o poder do arbitramento.

Pinçando, na história, brasileiros que garantiram as fundações do edifício nacional, nas armas, retiro Cândido Mariano da Silva Rondon; no conhecimento científico, Osvaldo Gonçalves Cruz; no arbitramento, José Maria da Silva Paranhos Júnior.

Rondon colocou suas armas a serviço da vida, Osvaldo Cruz fez da ciência um baluarte contra a doença e a ignorância e o Barão do Rio Branco suscitou ár-

bitros para ensinar que a pátria da justiça é uma só, é universal. Eis o modelo do domínio do direito.

O país é novo? Vai soprar só 500 velinhas? Parabéns!

Juntos lembramos. Comemoramos. É possível não ter fé em um país onde se multiplicam os Rondon, os Osvaldos e os Paranhos? Este país é pátria? Este povo é nação?

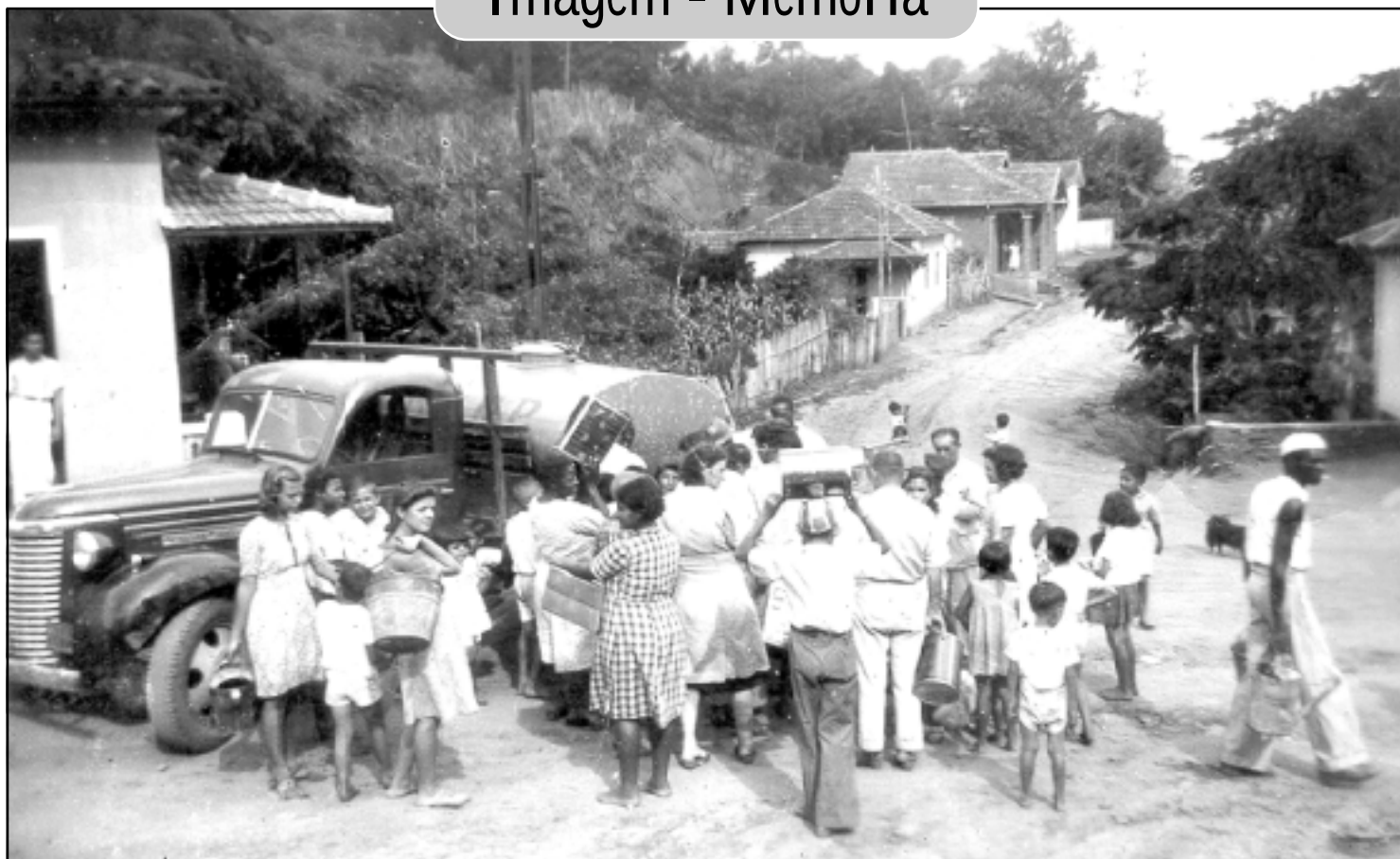
Descobrimento. Colonização. Aventureros: homens do bem, homens do mal. Condenados: criminosos, inimigos da corte. Religiosos: homens de Deus, juizes da condição humana. De um lado, gente. Do outro, bandoleiros e lacaios do poder.

Quinhentos anos. Eu tenho fé. A “brava gente brasileira”, os homens do bem, os inimigos da corte e os homens de Deus já perceberam que é tempo de erguer a “clava forte” contra os homens do mal, os criminosos e os juizes da condição humana.

Quinhentos anos não é pouco para que o estandarte da lei crie uma barreira contra bandoleiros e lacaios do poder. Estes não têm vocação para a cidadania. Servem a quem paga mais. Uma pátria não pode admitir estas excrescências.

Pátria é o lugar onde cada cidadão pode passar diante da escola e ouvir: “– É servido?”. Pode passar diante da quadra de esportes e ouvir: “– É servido?”. Pode passar diante do armazém e ouvir: “– É servido?”. Pode passar diante do posto de saúde e ouvir: “– É servido?”. Pode passar diante do templo e ouvir: “– É servido?”. Pode passar diante de uma casa caiada, com luz elétrica, água encanada e esgoto adequado e ouvir: “– É servido?”. Pode passar diante do tribunal e ouvir: “– É servido?”. **Abigayl Lea da Silva**

Imagem - Memória



População piquetense abastecendo-se de água de caminhão pipa, no cruzamento das ruas Cel. José Mariano e Américo Brasiliense, por falta d'água no dia 5 de maio de 1942.

Lata d'água na cabeça

A exuberância das matas e a fartura de água chamaram a atenção dos primeiros portugueses que aqui aportaram, em abril de 1500. Esses cinco séculos de ocupação desordenada da terra, numa relação predatória, sem a preocupação com o futuro, fez com que restasse muito pouco da vastíssima mata atlântica que cobria grande parte de nosso território, reduzindo, assim, nossas nascentes.

Os mananciais são lugares de onde provém a água clara e límpida. O seu afloramento à superfície, na forma de um olho d'água ou de uma pequena nascente, é uma fonte de vida, um bem de valor inestimável que propiciou ao homem toda a sua existência e civilização. Onde havia mananciais – e portanto água utilizável – o homem se fixou. Construiu habitações, desenvolveu a agricultura, ergueu cidades e fundou nações. Quando e onde, por descuido, minguaram ou se extinguíram os mananciais, a agricultura entrou em decadência, as comunidades humanas estagnaram, desapareceram as culturas. Restaram ruínas e tumbas. Ur, Níneve e toda a Babilônia, Biblos, Sidom, Tiro e o resto da Fenícia, Cnossos, Tróia e quase toda a Grécia são exemplos de civilizações antigas onde os mananciais declinaram até a total degradação.

A regularidade dos mananciais, quaisquer que sejam, depende da presença da vegetação. A vegetação, por sua vez, precisa da existência do solo e do ar, da água e da fauna. Existe interrelacionamento entre eles.

Resta pouco da primitiva mata atlântica também em nossa região.

Localizada no sopé da Mantiqueira, Piquete tem grande parte de seu território em área de proteção ambiental (APA). Dependendo dos mananciais nela existentes e também da mata, reguladora do fluxo de água das nascentes e, por conseguinte, dos rios.

O chão da floresta é protegido pelas copas das árvores. Existem árvores altas, outras mais baixas, arbustos e plantas herbáceas que, numa verdadeira estratificação, funcionam como proteções a vários níveis.

Com o desequilíbrio ecológico que constatamos em nossa serra, fruto da falta de consciência, descaso e políticas públicas preservacionistas, assistimos, quase todos os anos, a agravos provocados em diversas cidades do Brasil. Geralmente provocadas por águas que descem em grande quantidade das encostas e, daí, o estrago – alagamentos, desmoronamentos, pontes, estradas e culturas no campo arrasadas –, além do risco de doenças.

Os desmatamentos ocorridos ao longo da ocupação irracional da região concorrem para inundações e enchentes. São, também, os responsáveis pela escassez da água. Assim, assistimos, em Piquete, desde o início deste século, a problemas de captação e abastecimento. No último dia 20 de março, mundialmente dedicado à água, faltou água em Piquete, fato rotineiro com qualquer chuva em nossa serra. Nessas ocasiões, discursos apaixonados proliferam e a água tor-

na-se palanque para muitos politiqueiros. Ações concretas, de bom senso, com resultados eficientes, é o que a população aguarda. Aliás, isso já estão devendo para nossa comunidade há muitas décadas.

Que no ano do Descobrimento, nossas autoridades descubram a importância da água como fonte de vida



O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 97

Diretor Geral:

José Palmyro Masiero

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (012) 556-1192 / 556-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editores: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino G. Dias Júnior

Tiragem: 1.000 exemplares

A redação não se responsabiliza pelos artigos assinados

GENTE DA CIDADE

Seu Dito leiteiro

*“Olha o leite, Dona Julieta,
o leite da vaca preta.
Vai abaixar, aproveita.
Por isso não faça careta.”*

Por muitos anos ouviu-se esse refrão pelas ruas de Piquete.

Logo cedo, recebíamos a visita do senhor Benedito Eugênio Rodrigues, nascido em 23 de julho de 1921, em Delfim Moreira. Em sua carroça chacoalhavam os latões do leite que seria entregue de porta em porta, sempre com um bondoso e sincero sorriso.

Quem nunca ouviu falar do “Seu Dito leiteiro”?

Ícone de nossa cidade, pessoa simples, de pouco estudo, mas de imensa sabedoria.

O trabalho de leiteiro conheceu aos 12 anos, nas ruas de Delfim Moreira. Foi também peão de boiadeiro, dos 14 aos 18 anos, quando veio para Piquete, acompanhando o patrão, José Rodrigues Ferreira.

Em 1940, casou-se com Dona Carmem Soledade Rodrigues. A união gerou nove filhos, netos e bisnetos. Tem, ainda, mais quatro filhos adotivos, sinal de seu espírito generoso.

Em 1943, passou a trabalhar para o Sr. Antônio Pelúcio Júnior, na Fazenda Santa Lydia, no Itabaquara. Trabalhou e morou ali até 1954.

Nesse ano, comprou uma chácara no bairro do Itabaquara e passou a cultivar hortifrutigrangeiros que vendia nas ruas de Piquete.

A oportunidade do comércio de leite surgiu com a compra de uma “linha de leite” do Sr. Geraldo Guilherme. A partir de então essa foi sua atividade principal. Não falhava. Com chuva ou sol, frio ou calor, todos os dias podia-se esperar o seu Dito leiteiro. Talvez ele não soubesse da importância do seu trabalho: quantas gerações de crianças de nossa cidade cresceram bebendo do lei-



te da “vaca preta”! Sua generosidade não permitia que o alimento das crianças faltasse, mesmo com o atraso dos pagamentos. Ele reconhecia a dificuldade dos pais e, por várias vezes, deixava de receber.

Os animais da carroça, tão acostumados que estavam com o itinerário, paravam sozinhos em frente às casas dos fregueses.

Pessoas como ele serão sempre lembradas. Sua figura, ao mesmo tempo faceira e séria, é lembrança viva na memória. O reconhecimento da popularidade fez com que seu Dito recebesse, em 1991, o merecido título de Cidadão Honorário de Piquete.

Pelas ruas de Piquete ainda ecoam os sons do tanger dos burros do seu Dito leiteiro e seus refrões:

*“Corre, Dona Aurora,
Venha com a caçarola.
Senão seu Dito vai embora!”*

Seu Dito não vai embora. Ele vai ficar para sempre na memória de Piquete.

Outros 500 em abril de 2000

Tutelados pelo FMI (Fundo Monetário Internacional), chegamos aos 500 anos da ocupação e colonização do Brasil pelos portugueses, entre tantos outros europeus que atingiram essa área continental pelos mais diversos motivos.

Razões para celebrar são propostas, e são muitas as justificativas para os eventos que, deste lado, e do outro do oceano, lembram os episódios da história comum de brasileiros e portugueses.

É necessário considerar que, matizados pelos interesses políticos e econômicos, os fatos nortearam a vida social e deram-lhe as especificidades identificadoras.

A construção do Brasil foi, portanto, uma obra integrada a um sistema de idéias caudatárias do modelo europeu de expansão marítima de bases mercantilistas a partir do século XV, emblemáticas pela formação das grandes potências coloniais.

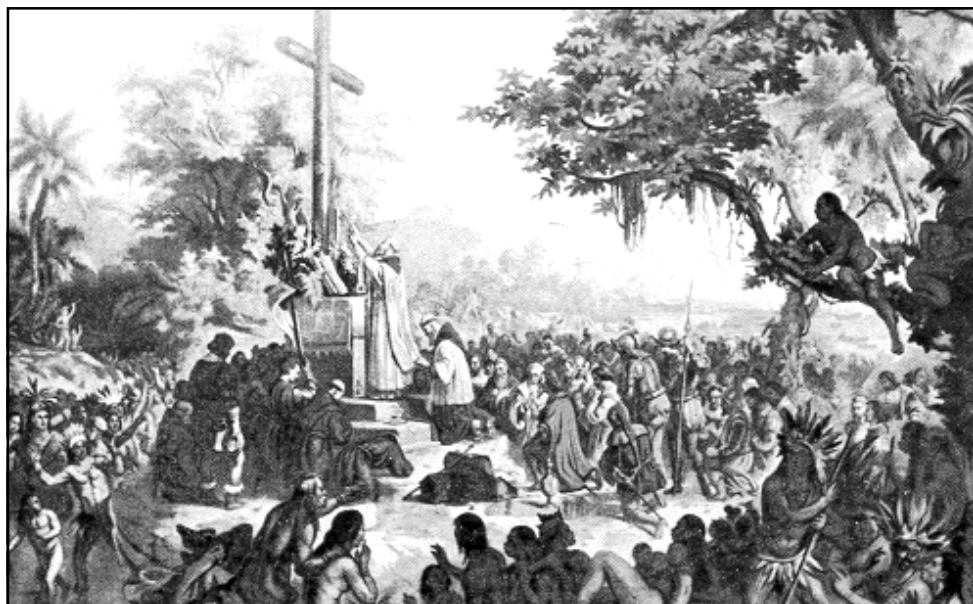
Ao arbítrio do sistema comercial, as partes foram engendradas a um todo, no qual o que foi tornado Brasil como território, nação e povo, correspondeu como tributário de uma rede de complexidades e contradições variadas.

A mudança da sede do Império de Portugal para o Brasil, no século XIX, foi uma ruptura fundamental no sistema de colonização, particularmente pelo sentido dado pelos embates entre o absolutismo contestado por constitucionalistas e o liberalismo que pretendia ver nos indivíduos a possível condição de igualdades sociais previstas pelas revoluções que medearam os períodos históricos desde o século XVI. As revoluções Francesa e Americana foram episódios marcantes como delineadores de visões profundas no nível da conscientização de direitos, deveres, obrigações e tradições.

As províncias na América Portuguesa acabaram se articulando a um poder central a partir de muitas lutas, enquanto a metrópole colonizadora se arranjava, a duras penas, entre o absolutismo e o liberalismo. Construía-se uma nação brasileira onde os métodos excludentes de organização social eram debatidos como espelho e modo. Índigenas e negros, brancos pobres e despossuídos em geral, engrossavam um caldo de cultura cujas marcas, até hoje, são reconhecidas como feridas vivas. Idealistas construíram modelos, nos fatos. Ideologizada, a História construída segmenta-se nos livros didáticos.

O que comemorar, portanto, no evento da efeméride dos 500 anos? As festas podem ser ótimas e o momento trazer reflexões. É o que desejam as comunidades constitutivas da nacionalidade.

Segunda Missa no Brasil - óleo de Vitor Meireles



Reprodução

Exposição

“Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial”

do

Prof. Nestor Goulart Reis

Espaço Cultural

“Célia Ap. Rosa”

De 23-04-2000 a 06-05-2000

Meditação para o ano 2000



Foto arquivo Pro-Memória

Antiga Matriz de São Miguel com Cruzeiro à sua frente. Foto dos anos 40.

A comemoração do nascimento de Jesus abriu o ano jubilar 2000 como Ano Santo, transitivo do segundo para o terceiro milênio. Como é comum acontecer nas transições milenares, as dúvidas afloram, os esclarecimentos se entrecruzam e, aparentemente, conflitam. Os atos e os fatos humanos são sopesados, e a revisão destes torna-se relevante. Depuram-se os efeitos cujas causas dão o quilate de valor.

Nos dois milênios passados, o Cristianismo foi triunfante, e a Igreja procurou se amoldar aos tempos, tendo como emblema a mensagem inicial de um Deus que, humanizando-se, garantiu à humanidade o direito ao divino, como resgate, pela fé salvífica.

A cronologia conta como data do nascimento de Cristo um dia, no século 4 a.C., em Belém, e incorporando ritos e costumes pagãos, o Natal passou a ser celebrado no dia 25 de dezembro, “dies natalis”, do culto ao Sol. A figura de Maria, herdada de Cibele, a mãe dos romanos, foi incorporada como representativa de personagens míticas simbólicas de fecundidade e pureza.

A provas da existência de Jesus e Maria, sua mãe, são controvertidas. Mas, para os cristãos, essa crença é questão de fé.

O ramo mais vigoroso e profícuo do Cristianismo, o católico, reivindica o direito de representar autoridade sobrepujando suas contradições, e afirmando-se como lídimo representante da mensagem, faz emergir nos humanos a possível necessidade do sobrenatural.

A nova fé proposta pelo Cristianismo é coroada pelas respostas sociais. Seus principais valores como o amor e a caridade tornaram-se o maior apanágio e significação de princípios.

Foi, portanto, a solidariedade, uma atitude revolucionária no Cristianismo primitivo que, em momentos cruciais como os das manifestações epidêmicas de pestes e fome, mostrou-se e arrebanhou adesões.

A palavra, comunicação por excelência, estrutura e conserva as tradições. É ela que nos Evangelhos baseia a doutrina,

exemplifica os atos e normatiza as atitudes. Sua grande força, nesta passagem de milênio, é coberta de simbologia, a linguagem é popularizada e os códigos simplificados. Não é sem motivos que os movimentos carismáticos apelam, pelas repetições, às fórmulas simples, cantadas e proclamada nas grandes massas. São apelos ao pentecostalismo.

Por sua vez, a alta hierarquia da Igreja, liderada pelo Papa, arrepende-se de seus “erros” históricos desculpando-se pela condenação de Galileu Galilei, ou pelas interpretações radicais da Inquisição, ou ainda pelo apoio do sistema colonial ibérico. Por isso, hoje, prega a inculturação.

A Igreja procura manter seu vigor, acompanha a modernidade, desenvolve o seu próprio marketing e investe na capacidade de adaptar-se, e, assim, resgatar e não perder adeptos. A linguagem dos Evangelhos é mantida viva e, para os cristãos, ela é a fonte testemunhal nos padrões pelos quais cada grupo se identifica com as raízes. Mateus, Marcos, Lucas e João escreveram suas versões entre quarenta e cem anos após a morte de Cristo. Seus relatos autênticos, para o mundo da fé, as passagens tornadas sagradas na prática religiosa e no modelo das ações.

Teatralizar as passagens tem sido veículo útil em manter vivas as chamas da crença. Para os católicos, dos Presépios ao Drama da Paixão e Morte, a representação torna-se evidência acalentada como necessidade e rito.

Por isso, os autos tomaram-se tão importantes e até hoje, no Nordeste, nos ciclos das principais festas, eles podem ser representados como manifestações folclóricas de forte sentido religioso.

Os presépios e as festas ganham, cada vez mais, as cores locais de identificação. No México, as imagens são da semelhança dos tipos étnicos. A Sagrada Família é maia no Iucatã, por exemplo.

Afinal, no México tudo se representa. No dia de Finados, doces, pães e balas têm

formas de esqueleto, caveiras e caixões de defunto. Em tudo muita flor colorida e “juguetes” (foguetes) espocando. Na decoração das ruas do Natal, quadros da representação temática e a plenitude das luzes coloridas. Para as crianças, bilhas de cerâmica cheias de balas suspensas em arcos, para serem quebradas... Uma festa bastante barulhenta nos bairros populares e periféricos, e muitos “mariachis”, com suas canções típicas, comidas apimentadas, bebidas fortes... No nascimento, como na morte, a participação popular é marcante. Mas a cultura do povo mexicano não é única: cada região tem a sua marca, e a própria identidade.

No Peru, em Lima, autos-de-fé são representações importantes nos ciclos das festas religiosas. A autenticidade parece ser tal, que nos transportam pelos túneis do tempo...

A Representação das Imagens

Os meninos-jesus alemães, de cabelos loiros, naturais e cacheados, são uma espécie de visão real, a estender os braços de criança sedutora.

Os santos e santas apresentam-se recobertos de veludos e jóias doadas por promessas cumpridas. Enormes corações de prata envolvem o Crucificado na Catedral do México. Grande profusão de correntes de ouro, pedras e pérolas ornaram a imagem do Menino Jesus de Praga, na capital checa. Não é muito diferente a imagem de Nossa Senhora Aparecida, aqui no Vale do Paraíba, no seu nicho do altar-mor da Basílica a ela dedicada.

A imagem de Jesus descido da Cruz em madeira de fino labor, no Museu de Arte Sacra da Bahia, em Salvador, têm as bolhas de sangue espalhadas pelo corpo: são rubis autênticos...

A Virgem de La Macarena, em Sevilha, tem um tesouro sobre o corpo. É uma visão espetacular de imagem rica, adornada pelos votos dos toureiros, e uma glória dos sevilhanos. Os tesouros das catedrais medievais e renascentistas são imensos...

Cabe-nos perguntar: o que buscamos hoje na prática religiosa? Para muitos, talvez a maioria, o fim é a satisfação pessoal. De fato, o que as pessoas querem é resolver seus problemas cotidianos, e as religiões, ajustando-se aos novos propósitos, procuram criar processos de atração dos fiéis. Trocar de crenças, para muitos, não tem sido problema, pois as opções são várias, e adaptar-se não é questionamento de consciência quando se imagina e se espera que as demandas serão atendidas.

Na modernidade nossa de cada dia, os locais de peregrinação, as filosofias orientais, os objetos energizados, os seguidores de gurus, ou a decoração das casas, são os principais símbolos de um ser humano buscando, sincrética e, holisticamente, integração à natureza, como realização pessoal em práticas individuais. Os fundamentalismos proliferam à busca das origens no reforço da fé.

Dóli de Castro Ferreira

O café em Piquete

Introduzido no Brasil em 1727, proveniente de Caiena, na Guiana Francesa, pelo sargento-mor paraense Francisco de Mello Palheta, o café foi inicialmente plantado no Pará, chegando ao Maranhão, de onde foi levado para o Rio de Janeiro pelo desembargador João Alberto Castelo Branco, por volta de 1760. No Rio de Janeiro, é plantado como arbusto exótico, em cultura doméstica, em jardins e encostas próximas à cidade e usado para consumo local. Logo o café se populariza, caindo no agrado da população, devido ao sabor e aroma agradáveis. Seu cultivo cresce e espalha-se pela região próxima ao Rio, ganhando a Baixada Fluminense, e chega às terras da fazenda Mendanha, do padre Antônio Couto, situada na freguesia de Campo Grande. Plantado serra acima, na direção de São João Marcos, ganha o vale do Paraíba paulista e chega a Areias e Bananal, por volta de 1790. No Vale, chega como novidade. Invade as terras paulistas e se adapta ao clima e solo, propagando-se, a partir daí, por toda a região, transformando a paisagem geográfica, econômica e humana. É plantado, no início, ao longo das estradas usadas pelos tropeiros, embrenhando-se, aos poucos, pelo interior. Concorreu para sua dispersão o intenso trânsito de tropas de mulas que trafegavam em direção ao Rio de Janeiro.

Aos poucos, novos cafeeiros são plantados. A princípio, em pequenas propriedades, na margem direita do Paraíba, estendendo-se, mais tarde, por grandes latifúndios.

O incremento da produção só foi possível devido ao capital acumulado, nas décadas anteriores, pela produção de açúcar e estocagem da mão-de-obra escrava – necessária e em número elevado para seu cultivo.

Por volta da segunda década do século XIX, o café atravessa o Paraíba e se espraia. Logo, as primeiras mudas chegam às fraldas da Mantiqueira, trazidas por tropeiros em demanda a Minas, e são plantadas. Enquanto não se colhem os frutos

da primeira lavoura, os agricultores continuam a praticar a tradicional lavoura de subsistência e alguns chegam a exportar o excedente de açúcar, rapadura, aguardente e fumo para o Rio de Janeiro.

Só após o terceiro ano é que o cafezal novo tem sua florada mais significativa, a partir de quando a produção média por pé vai num crescendo, atingindo o melhor rendimento aos sete ou oito anos, prolongando-se, dos quinze aos vinte anos.

O resultado das primeiras colheitas, no bairro do Piquete, são observados em 1829, quando o alferes Francisco de Godoy Bueno, com 31 escravos, exporta, para o Rio de Janeiro, 430 arrobas de café, lucrando 1:008\$000 e o alferes João Rodrigues Ramos, com 15 escravos, exporta 120 arrobas, lucrando 250\$000. Nesse ano, também colhia café, no Piquete, dona Ana Pereira de Castro e Manoel Soares de Oliveira.

A notícia de lucro com o café logo se espalha. Acumula-se capital, que favorece a compra de negros escravos para a lavoura e outros investimentos – derrubada da mata, preparo da terra, construção de edifícios sede, quando esta existe, do terreiro, instalações de preparo do café, bem como a aquisição dos mais diversos implementos agrícolas. Faz-se a opção pelo café. Mais e mais agricultores começam a desbravar a terra, revolver o solo e iniciar novas plantações.

O movimento pelo Caminho de Minas aumenta cada vez mais com o transporte e a comercialização do café, feitos pelas tropas que são enviadas pelos fazendeiros, várias vezes ao ano, para os armazéns.

Os tropeiros passam a ocupar um espaço de importância cada vez maior na sociedade cafeeira. Nas terras, florescem as lavouras, valorizam-se as propriedades, enriquecem-se os fazendeiros. Perfilado como uma legião, subindo e descendo morros, o cafezal se espraia. Invade todos os terrenos livres. Ocupa o lugar de extensa mata atlântica. Criou-se uma aristocracia rural, com proprietários e senhores de terra

afidalgados se politizando e participando do desenvolvimento do Bairro.

A região de Piquete conhece o período áureo da cafeicultura nas décadas de 70 e 80, quando são colhidas as melhores safras, nas fazendas: “Santa Eulália”, do Dr. Antônio Rodrigues de Azevedo Ferreira, futuro Barão de Santa Eulália; “Estrella do Norte”, do Comendador Custódio Vieira da Silva; “Ribeirão Vermelho”, do Maj. Joaquim Vieira Teixeira Pinto; “Sertão”, de Francisco Vieira da Silva; “Limeira”, de Bazílio Monteiro de Castro; “Registro Velho”, do Alferes Cândido Pereira Leite; “Santa Izabel”, do Ten. José Pereira Ramos; “Ronco”, de Belmiro A. Silva Rosa; “Passa Quatro”, do Capitão Crispim José Gomes.

A expansão econômica e o acúmulo de capital auferido pela produção agrícola dessas propriedades podiam ser medidos pelo padrão de vida nas fazendas. A arquitetura das casas sofre transformações – do material utilizado às técnicas, estilo e soluções de construção e aproveitamento do espaço –, o mobiliário, a decoração e os utensílios importados. Com o tempo, ganham mais conforto e deixam de ser residência permanente para se tornarem periódicas e temporárias. Todos os proprietários tinham grandes casas na cidade de Lorena.

Preuncia-se o ocaso: o desmatamento em grande escala, as queimadas e o solo devastado deixaram o terreno ácido e pobre. Não havia preocupação com a adubagem e a erosão contribuiu para que a produtividade caísse acentuadamente. O 13 de maio foi o golpe fatal.

O Bairro do Piquete mirrou à beira da estrada, vendo passar os milhares de burros a levar, nos surrões, a riqueza da terra, deslocando a fronteira agrícola para o oeste paulista. Quando da emancipação da Freguesia de São Miguel do Piquete, em 1891, o município, sem as riquezas das décadas anteriores, sepultava o que havia sido uma grande civilização: a civilização do café.

Antônio Carlos

Cafezal da Fazenda “Barra Alegre”, de propriedade do Sr. José Alencar Vilela Nunes, no início deste século, em Piquete.



COLUNA DO CHICO MÁXIMO

Reminiscências de um Professor

Para os irmãos Lucas, Inês e Cida, meus amigos do Bairro dos Marins

Dezenove anos de idade, recém-saído da Escola Normal, fui lecionar na Escola Masculina do Bairro dos Marins, considerada de difícil acesso, neste nosso município de Piquete.

No 5º Regimento de Infantaria de Lorena, ante a pergunta de um tenente se preferia lecionar ou servir ao Exército, optei pelo magistério. De mais a mais, não tinha vocação para a vida militar. E lá fui para a minha primeira escola.

Claro que no início muito estranhei. Escola aonde não chegava carro por causa dos caminhos estreitos, íngremes e esburacados. Se chovia, a estrada virava um sabão. Até os cavalos escorregavam. Então era preciso muito cuidado para não se ir ao chão.

Veze ou outra, lá aportava um jipe.

Eu, professor, longas e pacientes caminhadas a cavalo, a companhia de leiteiros, tropeiros e boiadeiros – gente que conviviam com a simplicidade.

Esperavam-me, todas as segundas feiras, crianças afeitas ao trabalho da lavoura, da pecuária e do transporte de carvão, lenha e moirões de candeia para cercas em lombos de mulas troteiras por trilhas tortuosas e matizadas de verde. Crianças que acordavam muito cedo, ainda escuro, e trabalhavam como gente grande.

A escola funcionava na capela de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do bairro. Três quadros-negros de madeira. Três classes juntas a desafiar a didática do jovem professor.

Ficou-me esculpido na memória o olhar de curiosidade, espanto e medo daquelas crianças humildes, descalças, roupas baratas de brim e algodão, embornais de pano a tiracolo, a pele tostada pelo frio, algumas cheirando a fumaça dos fogões a lenha e das lamparinas a querosene. À hora do recreio deliciavam-se com as quitandas

trazidas de casa e o açúcar misturado com farinha de mandioca.

Tudo lhes era motivo de alegria – uma caixinha de lápis de cor, um livrinho com gravuras – coisas amadas e admiradas, guardadas com prazer e cuidado.

Estóicas – enfrentavam as agruras do dia dia com coragem e trabalhavam e estudavam sem reclamações ou cara feia.

Gostava de contemplá-las diligentes e reflexivas, debruçadas sobre os livros e os cadernos, ilhadas entre morros, com vagas informações do mundo que se espalhava lá fora. A cidade, para elas, só em dias especiais – consultas médicas, o Domingo de Ramos, a Sexta-feira da Paixão. O ramo verdinho enfeitado de flores, com raminhos de alecrim, arruda e guiné – tudo guardado depois no tosco oratório de madeira. O beijo de piedade no Senhor Morto. O êxtase diante do canto da Verônica.

Naquelas paragens bucólicas fui professor e aluno: ministrava a palavra, mas recebia verdadeiras aulas de sabedoria. Aprendi com as crianças, os tropeiros e os leiteiros lições que os livros não registram.

Avulta em meio às lembranças a figura patriarcal do Seu José Getúlio, em cuja casa me hospedava. Sitiente respeitado, uma penca de filhos, calma e paciência, perspicácia e agudeza de espírito, zeloso guardião do ensino naquelas alturas azuladas. Sua fazenda sempre de portas abertas para receber parentes, amigos e boiadeiros que desciam das Gerais tangendo o gado. Todos tratados com atenção: a fartura da mesa e a alvura dos lençóis. Mas à noite, todos de joelhos na sala principal: a reza do terço e a ladainha de Nossa Senhora coroavam os trabalhos do dia.

Lá fora, ao longe, a cidade de Lorena faiscava, trêmula. E bem perto, quase a se poder tocar com os dedos, belo e solene, o Pico dos Marins a apontar para as estrelas.

Crônicas Pitorescas

Olha o rolo que dá

Palmyro Masiero

Não vou tocar nesta coluna sobre o acontecimento mais badalado do momento: os 500anos do Brasil. Tá assim de gente gabaritada escrevendo sobre o assunto e, além disso, a mídia nacional está a deitar e rolar em cima da efeméride. Pergunto: o que é que este insignificante escriba aqui poderia acrescentar? Só nos resta gritar: Brasil... il... il... il (plim plim).

Melhor mesmo é ficar com o nosso velho xaropinho mensal. E no procura cá e acolá a algo que seja ligado à história de Piquete, acabei enveredando para o ramo da genealogia. Buscando na Nobiliarquia Paulistana, vamos encontrar, pelo menos, dois deles que lá se inserem: os Taques Bittencourt e os Alvim. O major Pedro, aquele que dá nome à avenida na entrada da cidade e que muita gente não sabe quem é, chama-se Pedro Augusto Bittencourt e é filho do Ten. Cel. Antônio Mariano Bittencourt e de D. Anna Theodora Alvim.

Terceiro filho do casal, o Maj. Pedro faleceu em 1883, em Piquete, como administrador aposentado da Barreira da Figueira, de Guaratinguetá. Para falar dessa personagem na história de Piquete, resolvemos fazer uma brincadeira. Baixou-me o espírito charadístico e resolvi transformar tudo num teste. Vamos dar dicas utilizando letras maiúsculas para identificar as pessoas: MP – Major Pedro; JM – José Mariano; MA – Maria Augusta; ER – Elisa Ribeiro; MC – Maria do Carmo; CR – Carlos Ribeiro. Deixemos claro que na brincadeira há o parentesco consaguíneo, por afinidade, descendência e ascendência.

Agora, devagar com o andor. MP é cunhado e sogro de JM, pai e sogro de MA, pai e tio de ER, tia e sogra de CR. – JM é genro e cunhado de MP, genro e irmão de MC, pai e cunhado de CR, esposo de MA, tio, cunhado e sogro de ER. – MC é esposa de MP, irmã de JM, mãe e sogra de MA e sogra e tia de CR. – CR é filho de JM, genro de seus tios e enteado da cunhada. – ER é filha de MP, enteada de sua irmã, esposa de CR, sobrinha, cunhada e nora de JM.

Releia bem depressa e, se não travar a língua, tente colocar as siglas em seus respectivos lugares, ou melhor, quem é quem na história. Se forem como eu, não quebrem a cabeça, vão logo para a resposta.

O MP, Major Pedro, foi casado com MC, Maria do Carmo, irmã de JM, Ten. José Mariano. O maj. Pedro e D. Maria do Carmo tiveram 14 filhos. José Mariano casou-se com MA, Maria Augusta, em segundas núpcias, primeira filha do casal Major Pedro. O CR, Carlos Ribeiro da Silva, era filho de José Mariano e casou-se com ER, Elisa Ribeiro, décima primeira filha do casal major Pedro. Pronto. Tudo trocado em miúdos.

Mas o primeiro prefeito de Piquete, que não entrou no rolo, era o sexto filho do Major Pedro e foi casado com Maria Domiciana Vieira, filha do Com. Custódio Vieira. Todo mundo no esquema.

Ao final dos 1800, aqui em Piquete, quem não era compadre era parente duas vezes. Ou mais.

Capela Nossa Senhora Aparecida, no bairro dos Marins.



Foto arquivo Pro-Memória

“Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial”



Imagem sem título. Vista da cidade de São Paulo, em 1821. Autor: Arnald Julien Pallière

Pouco se conhece, ainda hoje, da aparência das vilas e cidades do Brasil Colonial. As informações disponíveis são quase todas baseadas em documentos escritos. Os desenhos daquela época também são muito pouco conhecidos. Estão dispersos por arquivos e bibliotecas de todo o Brasil e em vários países da Europa.

No momento em que se comemora o V Centenário do Descobrimento do Brasil, o Prof. Nestor Goulart Reis, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, elaborou um projeto desenvolvido a partir de uma pesquisa realizada ao longo de quarenta anos, que reúne e mostra as principais imagens de nossos centros urbanos mais antigos.

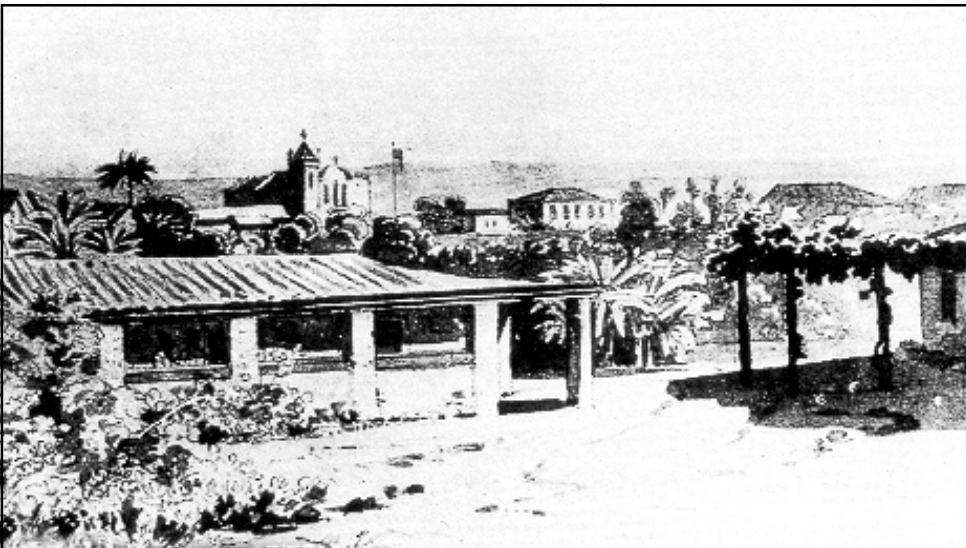
O material é uma seleção entre muitas centenas de reproduções cuidadosas, de gravuras e desenhos originais, elaborados há 200, 300 e mesmo 400 anos e nos revela aspectos fundamentais e quase desconhecidos da organização de nossas vilas e cidades: muitas delas eram cercadas por muros, como grandes fortalezas, e dispunham de portas e baluartes. Em muitos casos, havia planos urbanísticos, com formas geométricas regulares, elaborados

por engenheiros militares, formados pelas Aulas de Arquitetura Militar que existiam em Portugal e no Brasil.

Desse amplo projeto de pesquisa foi desenvolvido um conjunto de produtos: uma exposição de originais no Museu de Arte de São Paulo (MASP), a publicação de um livro, a montagem de uma exposição fotográfica (que circula por várias cidades do país), e esta coleção composta por um conjunto de painéis impressos (posters) e um CD-ROM.

A Fundação Christiano Rosa participou, a convite da Delegada Regional de Cultura do Cone Leste Paulista, Sra. Eliane Machado, no dia 31 de março de 2000, no Museu da Casa Brasileira, em São Paulo, do lançamento desse projeto. A cerimônia contou com a presença do Prof. Nestor Goulart Reis, do Secretário de Cultura do Estado de São Paulo, Marcos Mendonça, e representantes de quase todas as cidades do estado de São Paulo. Trouxe, então, para Piquete, a exposição “Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial”, que contribuirá para que saibamos mais sobre nossa própria história, nossa cultura e a história da vida urbana no Brasil Colonial.

Vila de Lorena, em 1817. Desenho de Thomas Ender.



Descobrimdo:

O início

As navegações, que iniciaram no século XV, tinham objetivo bem concreto: obter ouro e prata para se cunhar moedas, além de mercadorias para se vender na Europa. Envolvido em uma guerra contínua com a Espanha, Portugal teria, com as colônias conquistadas, um poder de barganha.

Os pioneiros

Os primeiros navegadores a chegar ao Brasil foram espanhóis: Vicente Yanez Pinzón e Diego de Lepe. Aportaram na ponta de Mucuripe, dez quilômetros ao sul da atual cidade de Fortaleza, no Ceará. Foram atacados por índios, que mataram oito tripulantes.

A viagem

A esquadra capitaneada por Cabral partiu de Lisboa, numa segunda-feira, 9 de março de 1500, com destino às Índias. A esquadra era composta por 10 naus e três caravelas, com 1.500 homens. As caravelas eram pequenas e apenas o capitão tinha um quarto só seu. A tripulação dormia sobre as tábuas.

As dificuldades

Muitos homens adoeciam durante a viagem. Comiam mal e as condições de higiene eram precárias. As embarcações eram infestadas de ratos. O alimento básico era biscoito, mas também havia carne salgada e, às vezes, arroz e peixe. A água era misturada com vinho para não se contaminar. A doença mais comum nas longas viagens pelo mar era o escorbuto, que causava sangramento das gengivas provocado pela carência de alimentos frescos.

O descobrimento

Na tarde de 22 de abril, Cabral avistou um monte. Chamou-o de Monte Pascoal, pois a Páscoa era a data mais próxima no calendário litúrgico. O navegador chamou a nova terra de Ilha de Vera Cruz, que depois corrigiu para Terra de Vera Cruz. A tripulação desembarcou na região de Porto Seguro, então habitada por índios tupis.

A volta

No início do mês de maio, Cabral retomou a viagem para as Índias. A nau dos mantimentos foi esvaziada e voltou para Lisboa. Levava cartas informando o rei sobre o descobrimento. Ao deixar o Brasil, a esquadra de Cabral enfrentou tempestades e quatro naus naufragaram. Na feitoria portuguesa de Calicute, aonde chegaram em fins de agosto, os navegantes enfrentaram a ira dos comerciantes árabes que dominavam o comércio da região e não queriam concorrência. Houve batalhas e muitas mortes, entre eles Pero Vaz de Caminha. Da tripulação de 1.500 homens, apenas 500 retornaram a Portugal, em julho de 1501.

Maria Fumaça



Foto arquivo Pro-Memória

O "trem das dez", na Estação Rodrigues Alves, em Piquete.

Trilho, bitola e dormente. No carril, a Maria Fumaça ia deslizando, rebolando e apitando. Transportava a esperança de centenas de pessoas, que se renovava a cada balanço. Às janelas, olhares ávidos para a paisagem conhecida enchiam os corações de alegria. Na certeza de um futuro promissor, a tranquilidade viajava com cada passageiro. Estudantes, militares, operários e professores usavam-na para transpor os degraus da vida. Eram composições felizes.

O foguista quase desnudo, sujo pela fuligem misturada ao suor do trabalho, alimentava o fogo com pás de carvão. A máquina tinha sede. Parada obrigatória nas Estações do Barreiro e de Piquete, para esfriar a caldeira. Fumaça e cinzas vagavam ao vento. O maquinista feliz puxava o cordel, fazendo ouvir de longe o apito choroso.

Da Estação da Estrela ao Portão da Limeira a festa era completa. A Maria Fumaça ia sacolejando sobre os trilhos. Seus passageiros cumprimentavam as pessoas que passavam pela rua e se destinavam à escola Industrial, Ginásio, Grupo Escolar da FPV e Contingente. A fumaça, às vezes, encobria as mãos abanando. No Portão da Limeira, a descida era em massa. Azulava a Casa do Ponto, o barulho constante do tilintar do relógio registrava a presença maciça dos operários ao serviço.

Nos finais de semana ela descansava. Em alguns domingos, no horário da tarde, com desembarque na Estação da Estrela, a rua agitava-se. Na frente da torcida o berro característico do líder João Tijoleiro levantava o campo. Era jogo do Estrela. **Edival da Silva Castro**

Notas da Cidade

□ A Câmara Municipal de Piquete aprovou, por unanimidade, moção de aplauso à Fundação Christiano Rosa pelo sucesso da Exposição "Velhos Carnavais", comprovando a responsabilidade e a competência com que esta Instituição tem pautado suas realizações.

□ A Fundação Christiano Rosa promoveu, no dia 31 de março, no Espaço Cultural "Célia Ap. Rosa", uma sessão de cinema, com a apresentação do filme "Carlota Joaquina", de Carla Camuratti. O evento, realizado em parceria com o a empresa do Sr. Mariomar Adão da Silva, contou com a presença de 150 alunos do Ensino Médio, da Escola Estadual "Profa. Leonor Guimarães". Aguardem novas sessões.

□ Aconteceu, no dia 29-03, em Resende, uma exposição da artista plástica Maté. Vencedora, em 1999, do Mapa Cultural Paulista, vem mostrando seu trabalho em várias cidades, onde é reconhecido pela sua qualidade. A FCR está realizando contatos com Maté para o desenvolvimento de um projeto elaborado por ela, de oficina de educação ambiental., a ser realizado com crianças de nossas escolas

□ A Fundação Christiano Rosa recebeu, em doação, da Sra. Anacyr Araújo, uma tela com o tema "Paisagem dos Marins". A FRC agradece a colaboração.

□ O piquetense João Gomes Sardinha enviou para o acervo da FCR sua recente obra "Nas Asas do Coração...". A Fundação agradece e o parabeniza.

□ Neste mês de abril, as escolas de Piquete, a exemplo de todo o país, desenvolveram várias atividades para comemorar o aniversário de 500 anos do Descobrimento do Brasil. Palestras, feiras e exposições retrataram a chegada dos portugueses e o contato com os indígenas.

Gente heróica

Celso Colombo

Nossa cidade, este ano, levou dois enormes sustos. O primeiro decorrente da grande quantidade de chuvas que por quase dez dias caiu sobre a região. E, como consequência, assistimos a alguns deslizamentos de terra que arrancaram de suas casas amigos nossos. Também uma dura crise de desabastecimento de água, que durou, aproximadamente, cinco dias. O segundo susto aconteceu no sábado, 18 de março, quando, possivelmente, uma tromba d'água castigou duramente os mananciais que alimentam a velha represa, nos confins da Tabuleta, enchendo-a de lama, pedras e arrebatando parte importante da rede de tubos que leva água à principal caixa d'água de Piquete. Como consequência: nova crise de desabastecimento de água, causando sérios problemas a, pelo menos, oitenta por cento de nossa tão sofrida gente. Realidades duras, que mexeram com toda a população que, no desespero da falta de água, ao longo das filas à beira de uma mina ou de uma bica de água, ressuscitava velhas e antigas propostas de remanejamento na captação, tratamento e distribuição de água em nosso município. O que se ouviu despertou nossa curiosidade e, com uma reflexão mais profunda, concluímos que toda essa gente ama esta cidade, conhece de perto seus problemas, tem até algumas sugestões e, infelizmente, é pouco ouvida. Gente essa que, de forma heróica e solidária, cruzava a cidade em busca de água para suas necessidades, lançando mão de baldes, garrafas plásticas, panelas, tambores, alguns deles acomodados em carrinhos de mão. Gente essa que, para disfarçar o desespero causado pela falta de água, cantava, ria e até fazia piadinhas ao estilo do bom carioca. Dias difíceis, dos quais precisamos extrair algumas lições, principalmente aquela que se refere ao abastecimento de água em Piquete. Essa gente que de forma silenciosa, risonha, arregaçou as mangas e foi em busca de água, deve ser despertada para a necessidade de proteção de nossos mananciais, inseridos em nossa tão machucada Serra da Mantiqueira. Sentimos na carne a crise da falta de água por alguns dias e podemos imaginar o tamanho da crise se ela realmente faltar. Água é de vital importância para a sobrevivência das espécies em nosso planeta e se projeta escassa em futuro próximo. Assim, vamos aproveitar essas lições dadas pela mãe Natureza, nos unir em ações conscientes para a recuperação e fortalecimento de nossas nascentes, para estudar uma nova proposta de abastecimento de água para Piquete, menos frágil que a atual, e nos educarmos para não desperdiçar água e saber usá-la de forma racional para o bem de todos os moradores, heróis desta tão singela e maltratada cidade de Piquete. Aos heróis anônimos das longas filas na Vila Célia, no Campo do Vila, na Estrada da Tabuleta, etc. um pequeno recado: continuem amando esta cidade e não deixem de lutar por ela. **celsocolombo@bol.com.br**

HYPER

som, telão, videokê, iluminação

Mariomar Adão da Silva
R. Dario Vieira, 68 - Piquete - SP
(0xx12) 556-1953
E-mail: savioloc@fastnet.com.br